

O Brevo

Difusão do Espiritismo Religioso - Órgão da Aliança Espírita Evangélica - Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO XIII

São Paulo, Agosto de 1987

N.º 162

ENCONTRO NO VALE DO PARAÍBA

Cerca de 800 pessoas participaram do II Encontro Regional Espírita, promovido pelos grupos integrados à Aliança do Vale do Paraíba e Litoral Norte do Estado de São Paulo, das 9 às 17 horas do dia 19 de julho.

Essa grande reunião de confraternização e estudo transcorreu num clima de muita alegria, num local espaçoso cedido aos organizadores: a Escola Municipal de Primeiro Grau Áurea Cantinho Rodrigues, ao lado do Centervale Shopping. O Coral da Aliança esteve presente com todos os seus elementos.

Do programa do encontro constaram reuniões em grupos, para troca de idéias acerca de temas relacionados com o desenvolvimento do ser humano, apresentações artísticas de grupos diversos, reunião da Diretoria da Aliança e palestra a cargo de Valentim Lorenzetti. O almoço foi servido no próprio local.

Experiências produtivas

Na reunião da Diretoria da Aliança, realizada numa das salas do local do Encontro, companheiros de diversos grupos relataram as atividades que as casas vêm desenvolvendo.

Os confrades Bosco, Nelson e Renato, da Seara Espírita Bezerra de Menezes e da AME (Assistência Maternal Espírita) deram destaque ao trabalho de assistência a gestantes e crianças que desenvolvem principalmente junto à chamada "Favela da Linha Velha", em São José dos Campos. Oferecem curso de 12 aulas para gestantes carentes, ao final do qual elas recebem um enxovalzinho de cuja confecção participaram durante o curso. Há, também, um curso de artesanato aberto à comunidade. Além dos trabalhos normais de assistência espiritual, Escolas e Evangelização Infantil, a Seara conta agora com um grupo bastante dinâmico de Mocidade Espírita com cerca de 40 jovens. A AME está construindo uma creche integrada num projeto mais amplo para ser desenvolvido a médio e longo prazos.

Carlos, do CE Maria de Nazaré, de Caçapava, fez um relato das atividades e informou que o Centro já adquiriu área para construção de sede própria.

Noelito, do CE Casa do Caminho, de São José dos Campos, falou de experiência que vêm desenvolvendo com a Caravana de Evangelização e Auxílio numa favela da cidade.

Valnei e André, da Comissão de Apoio a Mocidades e da Mocidade Espírita do CEAE-Genebra de São Paulo, convidaram as casas presentes a participar do Encontro de Artes que ocorrerá em Santo André no dia 6 de setembro. Foi também lembrada a realização do Curso para Dirigentes de Mocidade no dia 26 de julho, no CEME, em São Paulo.

Nelva, do CEAE-Genebra, São Paulo falou do trabalho de Evangelização Infantil e de suas peculiaridades numa casa em bairro central da cidade de São Paulo, onde as crianças dependem da boa-vontade dos pais para se locomoverem até o local da aula.

Valentim, do CEAE-Genebra, lembrou que no dia 23 de agosto ocorrerá o Encontro Regional de Araraquara. Expôs, também, a experiência que vem sendo colhida nos Encontros de Reforma Íntima, em que é colocado em prática o processo de abertura da pessoa para melhor conhecer-se e crescer espiritualmente. Alguns dos grupos presentes relataram que estão aplicando essa experiência nas aulas de complementação da Escola de Aprendizizes e em reuniões semanais durante o estágio probatório ao fim do curso de Aprendizizes. Foi sugerido que todas as casas comesçassem a oferecer a seus trabalhadores a oportunidade de participação em grupos de reforma íntima.

Conceição e Gilza, do CE Discípulos de Jesus, de São Paulo, expuseram os trabalhos que o grupo vem desenvolvendo: manutenção de 4 albergues noturnos (1 para doentes do sexo masculino, 2 para adultos masculinos, 1 para mulheres e crianças), com atendimento de 140 pessoas por dia. Proporcionam também apoio a centros espíritas mais afastados: Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte e Ouro Branco, em Minas Gerais; ao Berço da Fraternidade, em Araras; e ao grupo que trabalha junto à favela de Vila Prudente, em São Paulo. Estão começando a implantar, em São Paulo, uma casa para assistência a aitélicos. Têm mantido contato com um centro espírita em Portugal, que está interessado

em implantar o programa da Aliança do qual tomaram conhecimento através do livro "Vivência do Espiritismo Religioso".

Rita, do CE Caminho e Vida, da Vila Ré, São Paulo, falou de sua experiência como participante do Encontro de Reforma Íntima. O centro já está com sede própria.

Nair, do CE Redentor, de Santo André, relata todos os trabalhos desenvolvidos pela casa. O centro oferece também curso de artesanato e destaca a atuação da Mocidade Espírita em apoio às obras de assistência social.

Vera, do ABC, fala de seu trabalho de visitação e contatos por correspondência com vários centros do país e do exterior, principalmente Estados Unidos, Portugal, Guiné-Bissau, França e Argentina.

Márcio, do GE Francisco de Assis, de São José dos Campos, apresenta o projeto da Obra Assistencial Irmã Clara, lar para crianças que o grupo deve começar a construir em terreno de sua propriedade.

Rui, do CE Anjo Ismael, também de São José dos Campos, fala das dificuldades por que passou o grupo, que está praticamente recomeçando. Possui todos os trabalhos de Assistência Espiritual e Escolas.

Agora a "Iniciação Espírita" num só volume

A Editora Aliança reuniu num só volume os 9 fascículos da "Iniciação Espírita", utilizados como livro-texto das Escolas de Aprendizizes. Assim, a partir de agora, a "Iniciação" passa a ter apenas dois volumes: "O Redentor" e as demais aulas unificadas numa só publicação.

Com essa iniciativa, a Editora conseguiu reduzir o custo da obra; antes os 9 fascículos custavam Cz\$ 810,00; agora, num só, o preço caiu para Cz\$ 460,00.

Os pedidos podem ser feitos diretamente à Editora Aliança — Rua Genebra, 168 - CEP 01316 - Tel. 37-5304 - São Paulo.

Fumo - vamos apagar essa idéia

27 de agosto de 1987: Dia Internacional de Combate ao Fumo

Araldo Coutinho

Para delícia dos milhões de fumantes de hoje, Cristóvão Colombo não era tão infalível como navegador. O fato é que a 28 de setembro de 1492, nas costas de Cuba, Colombo anunciava pomposamente aos tripulantes reunidos no convés que o território que acabam de descobrir tratava-se das costas do Japão. Porém, após demoradas consultas ao livro de bordo e aos astros, resolveu dar um exemplo de autocrítica digno de elogios. Ancorado ao largo do que é hoje a Província de Orientes, em Cuba, anunciou ter havido um pequeno engano, porque a vegetação viçosa da costa não era própria do Japão, mas da China.

Provocando novamente aplausos da tripulação, nomeava emissários que entrariam em contato com o grande Khan. Escolheu Rodrigo Jeres e Luiz de Torres, que falavam fluentemente o aramaico e o hebraico e tinham razoável conhecimento de árabe. O mais importante é que ambos tinham um faro inato para descobrir ouro, motivação sempre presente nestes tempos de expedição.

Os dois embrenharam-se mata a dentro e sempre sob orientação de nativos pacíficos dirigiram-se ao que achavam ser a riquíssima capital do Khan. A 3 de novembro de 1492 chegavam ao destino e descobriram uma série de palhoças de madeira e coqueiros, em lugar da sonhada cidade de ouro. Em lá chegando foram convidados a participar de uma cerimônia de "bruxaria" com a intenção de afastar os maus espíritos. Nessa cerimônia, a tribo dançava em volta de um braseiro onde o pajé lançava folhas de "tabago", nome primitivo do tabaco, e invocavam os deuses.

Estava, pois, descoberto, para os chamados "civilizados", o hábito de fumar. Na metade do século XVI o hábito, ou vício, já tomava conta da maior parte do mundo, espalhando-se como fogo na Península Ibérica e em todas as suas áreas de influência: África, Oriente Próximo, China, Índia, Coréia, Malásia, Índias Orientais e Filipinas. Os demais países da Europa estavam excluídos em consequência de um boicote internacional que havia sido imposto naquela ocasião.

Contrabando

Esse boicote acabou em 1560, quando o embaixador da França em Portugal, Jean Nicot, contrabandeou algumas mudas entregando-as à rainha, em Paris. Como era botânico, aproveitou-se disso para explorar ainda mais esta espécie tão rendosa, que recebeu o nome de "Nicotina Tabacus". Daí o nome maldito.

Nicot, ao enviar as primeiras mudas a Paris, descreveu em carta as virtudes milagrosas do fumo: uma verdadeira panacéia universal, curando desde verrugas a gangrenas. Foi nessa época que o fumo se tornou, pela pri-

meira vez, alvo da ira dos médicos, que viam no produto um recurso para a automedicação e, conseqüentemente, uma queda para seus rendimentos.

Na medida em que crescia o número de novos fumantes, foram surgindo oposições da parte de elementos que tinham o poder de decidir, despoticamente, sobre a sorte dos fumantes. O Papa Urbano VII ordenou a excomunhão dos fumantes em qualquer parte do mundo.

O fumo hoje

Os que combatiam o hábito do fumo no passado baseavam-se em credências e em interesses de grupos de médicos que se julgavam prejudicados financeiramente.

Hoje, praticamente 500 anos depois da descoberta do fumo pelos "civilizados", trava-se em todo o mundo uma batalha, não baseada em hipóteses nem em interesses escusos de médicos, mas na realidade, comprovada em laboratórios, através de mais de 30 mil estudos científicos sobre o tabaco nos quais são expostos os perigos do fumo, com provas inquestionáveis que vêm sendo divulgadas largamente para a opinião pública a partir de 1964.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) comunicou em 1981 que, em países em desenvolvimento, a epidemia de doenças relacionadas com o hábito de fumar já é de tal magnitude que rivaliza mesmo com as doenças infecciosas ou a desnutrição, consideradas como problemas de saúde pública.

O fumo no Brasil

Foi em 1903 que o imigrante português Albino Souza Cruz fundou a primeira companhia brasileira de cigarros, a "Souza Cruz" que, a partir de 1914, passou para o controle da British American Tobacco e, até há algum tempo, a única empresa que cobria quase 100% do território nacional, sendo hoje detentora de cerca de 82% do mercado consumidor. As demais empresas estão entre nós a partir da última década, mas vêm apresentando crescimento surpreendente.

Atualmente no Brasil fumam-se mais de 140 bilhões de cigarros por ano, divididos em 11 categorias. O Brasil, na linha de competição, já é o 5.º maior produtor de fumo, contribuindo com cerca de 5% da produção mundial que, em 1986, foi de 550 milhões de toneladas.

Esta fantástica produção gera uma arrecadação não menos fantástica para as indústrias e para os cofres do governo. A indústria no Brasil envolve mais de 300 mil postos de venda, 18 mil empregados e ocupa 55 mil agricultores.

Mas o problema do fumo no Brasil também tem aspectos, catastróficos, quando se leva em consideração a

qualidade do fumo que é usado pelos brasileiros. Segundo informações de técnicos que trabalham diretamente na produção e beneficiamento do fumo, não confirmadas oficialmente, o Brasil exporta 75% de sua produção, ficando para o consumo interno 25% do montante produzido. O fumo exportado tem um máximo de 0,04% de concentração de nicotina; o fumo utilizado no mercado interno apresenta concentração de 0,04 a 0,26% de nicotina, ou seja, seis vezes mais nicotina do que o exportado.

Segredo desvendado

Em fevereiro de 1982 foi desvendado o segredo ocultado a sete chaves. Uma companhia fabricante de cigarros no Brasil liberou uma listagem de 59 marcas testadas em laboratório da própria companhia, que mostra, entre outros dados, o seguinte quadro: partículas sólidas, 10% do volume de cada cigarro, contendo cerca de 2.000 substâncias das quais até hoje 1.300 têm sua estrutura química identificada, indo do benzopireno e outras 26 substâncias cancerígenas, ao ouro, que é fumado na proporção de 1 grama para cada 25 mil maços. Das 59 marcas listadas, as concentrações oscilam entre 2 a 26 miligramas de alcatrão e 0,2 a 1,8 miligramas de nicotina para cada cigarro.

Pesquisas já comprovaram que a fumaça do cigarro em combustão atinge a temperatura de até 1.000°C, quando dezenas de substâncias tóxicas se multiplicam formando um complexo composto de milhares de substâncias mortíferas.

É preciso lembrar, também, que cada hectare de plantação de fumo, nos países em desenvolvimento, obriga a devastação de outro tanto de florestas. Cada 300 cigarros fabricados exigem a queima de uma árvore. Um só fumante médio destrói, inconscientemente, duas árvores por mês.

Lucros e danos

Que a indústria do fumo recolhe muitos impostos e emprega muita gente é sabido de todos, especialmente o governo, mas o que não se justifica é o elevadíssimo número de vidas que o fumo ceifa anualmente. Provou-se recentemente na Itália e em outros países que o que a venda de cigarros fornece aos governos, em impostos e taxas, não chega, nem remotamente, perto do que os próprios governos se vêem obrigados a gastar para tentar curar ou pelo menos manter tolerável a vida dos pacientes vitimados pelo cigarro.

Na Câmara dos Deputados, de 1978 a 1980, foram apresentados 32 projetos de lei sobre o assunto. Todos eles estão parados em comissões técnicas da Casa, aguardando parecer, ou seja, distribuídos a deputados para relatar.

"Sua Majestade", o Cigarro

Adolpho Marreiro Júnior
Centro Espírita Estrada de Damasco São Vicente

A ascendência da matéria sobre o espírito ainda é característica da vida humana na face da Terra, não obstante as elevadas conquistas científicas e tecnológicas de sua humanidade.

Requintamos o intelecto, mas continuamos escravos das mais grosseiras sensações que o corpo físico nos pode ofertar.

Por isso, os vícios do corpo, aliados às paixões negativas da alma, são os "senhores" mais obedecidos e reverenciados deste mundo! Seus "reinados" em constante expansão contam com bilhões de súditos.

"Não terás deuses estrangeiros, nem farás imagens para lhes prestar cultos", diz o primeiro mandamento. Todavia, o que são vícios e paixões se não ídolos ou deuses que criamos para cultuar, em detrimento do Altíssimo?

Curioso que, embora vivendo mais segundo a carne do que segundo o espírito, não temos valorizado a maravilhosa e incomparável máquina que o Senhor nos concedeu, para nosso aprimoramento espiritual. Embora sendo uma das supermaravilhas da Obra Divina e sublime santuário do espírito, o corpo tem sido quase completamente ignorado em seus transcendentais valores, pelos seus ingratos usuários! Qualquer máquina criada pela mão do homem recebe mais manutenção e carinho do que o seu próprio corpo! Contudo, através dos milênios, ele prossegue expressando com humildade, dedicação, renúncia e trabalho constante, a sua divina mensagem aos milhões de espíritos que dele se valem para os sucessivos aprendizados na Terra.

Os exageros do comer, em que as digestões se sucedem umas às outras, sem tempo de repouso e refazimento aos pobres órgãos; o fumo, álcool e outros desregramentos somados aos desequilíbrios mentais e emocionais, ainda tão comuns em nosso grau evolutivo, têm destruído prematuramente o genial aparelho-presente de Deus a todo espírito que desce à Terra.

E que dizer dos "rachas" e das práticas esportivas violentas que não raro despedaçam a divina máquina, em plena juventude, deixando na Terra familiares e amigos em prantos e desesperados? Paradoxalmente, portadores de moléstias ainda irreversíveis, mutilados, aleijados, cegos e mudos apegam-se obstinada e carinhosamente à vida, enquanto os jovens e saudáveis jogam-na fora nessas práticas violentas, para provarem... não se sabe o quê!

No passado e no presente, temos admirado muito mais as obras dos homens do que as maravilhas da Criação Divina.

Dentre os muitos vícios e desatinos que tanto agridem e desrespeitam o corpo físico, focalizamos, nestas linhas, o tabagismo, cujo "reinado" conta com milhões de súditos em todo o Planeta.

Muitas são as campanhas que já se fazem contra o fumo; contudo, os seus

domínios continuam, em vertiginosa expansão, conquistando novos contingentes de viciados.

O número sempre crescente de novos fumantes cobre, com vantagem, os "claros" deixados em suas fileiras pelas legiões que desencarnam diariamente.

Nos primórdios desse "reinado", só os homens fumavam, seguidos, logo após, das mulheres de má reputação. Mas hoje, quando também se degradam todos os costumes humanos, às vésperas da grande seleção espiritual de "fins de tempos", fumam quase todas as pessoas de todas as classes sociais... fumam médicos, professores, engenheiros, advogados, poetas, filósofos ou cientistas; fumam sacerdotes e malfetores; patrões e operários!

O cinzeiro, seja ele de argila ou de madeira; de vidro ou porcelana; de prata ou de ouro, é objeto "obrigatório" no mobiliário dos lares, dos clubes, dos restaurantes, das escolas e das repartições públicas! Ele está presente nos lares paupérrimos, nas residências requintadas e até nas mesas dos salões do egrégio Congresso Nacional!

Com o advento da televisão, o "reinado" do tabaco expandiu-se com mais rapidez ainda, graças ao sofisma das frases que, aliadas aos visuais luxuosos, compõem os "comerciais" que tanto exaltam o cigarro. Com tais métodos, artistas experimentados nos labores da publicidade têm correspondido piaramente aos interesses egoísticos de poderosos grupos econômicos, sugestionando multidões.

Parece incrível, mas é verdade! Essas imagens, projetadas insistentemente na televisão, têm levado milhões de pessoas a crerem que as virtudes do "BOM SENSO", DA "CORAGEM", DAS DECISÕES RÁPIDAS E INTELIGENTES; DA ELEGANCIA E DO SUCESSO EM TODOS OS LANCES DA VIDA, DEPENDEM, EXCLUSIVAMENTE, DE SE FUMAR esta ou aquela marca de cigarro.

E, com isso, os lucros dos "imperadores" do fumo cresceram tanto que eles se dão ao luxo de patrocinarem os maiores eventos esportivos do Planeta.

Felizmente, parece que as nossas autoridades se encorajaram a conter, não se sabe até quando, essas propagandas pela televisão.

Dos anos 50 para cá, talvez por influência dessas propagandas, "sua majestade", o cigarro, conquistou uma grande parcela do "mundo feminino".

Ah! as mulheres... é uma pena que também elas se entregassem tão docilmente a essa escravidão!

Em minhas crises de saudosismo, vez por outra, volto aos anos 40, no período do pós-guerra, e encontro-me no salão de baile da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos, situado na Praça José Bonifácio. Ali, no primeiro domingo de

Os principais veículos de divulgação têm publicado que 37% do IPI arrecadado em nosso país é oriundo do cigarro e que a indústria do fumo contribui com o dobro do IPI em relação a toda a indústria de automóveis do Brasil. Sabe-se também que o cigarro participa com cerca de 12% de toda a arrecadação bruta da União.

Mas, vejamos a gravidade dos danos provenientes do uso do fumo. Todos esses impostos não são suficientes para cobrir as despesas que a Previdência Social tem com a imensa legião de vitimados pelo inimigo número um da Humanidade: o fumo.

Vejamos o que consta de publicação do jornal da Associação Médica Brasileira: "Os pretensos benefícios apurados pelo Estado na taxaçoão dos cigarros não alcançam 50% das despesas que o tabagismo condiciona". Já está suficientemente comprovada, pela experiência de vários países, aplicável ao Brasil, que, para cada cruzado arrecadado pelo Ministério da Fazenda na taxaçoão do fumo, os Ministérios da Saúde e da Previdência irão gastar dois para cobrir as trágicas consequências das enfermidades fumo-dependentes.

A OMS faz afirmações como esta: "O tabagismo é o maior problema de saúde pública do mundo atual e um dos maiores desafios com que se defronta a medicina preventiva de nossos tempos. O fumo é um instrumento de morte em relação ao qual a neutralidade não é mais possível".

Ano 2000

A Nova Zelândia contará com sua primeira geração de médicos não-fumantes a partir do ano 2000. Essa é a previsão do dr. David R. Hay, diretor da Fundação Nacional do Coração. Recentemente os médicos e enfermeiros jovens adotaram como regra de conduta a abstenção do fumo. Nós propomos que o exemplo seja seguido pelos médicos brasileiros.

Não-fumantes

Em palestra apresentada durante o Simpósio Nacional sobre o Controle do Tabagismo, realizado em setembro de 1984 em São Paulo, o dr. José Rosemberg, professor titular da cadeira de Tisiologia e Doenças Pulmonares da Faculdade de Ciências Médicas da PUC, sugeriu o estabelecimento de um código para proteger os direitos dos não-fumantes, denominados por ele de "fumantes passivos".

Assegura o dr. Rosemberg que a poluição ambiental é causada em grande parte pela fumaça do cigarro, cerca de 80%. Assim sendo, o não-fumante é obrigado a fumar o equivalente a um maço por dia, dependendo, naturalmente, da quantidade de fumantes existente em seu ambiente de trabalho.

(Este trabalho é uma compilação de informações da seção de livros da Revista "Decisão", n.º 716, de fevereiro de 1985, publicada pela Casa Publicadora Brasileira.)

cada mês, à tarde, realizava-se o baile do Centro dos Estudantes de Santos. Era uma época de muito encantamento... talvez porque após os seis longos anos de guerra mundial que envolveu boa parte dos países da Terra os corações estavam sedentos de paz e amor. As esperanças de reconstruir um mundo melhor inspiraram a chamada época de ouro do cinema americano, quando então Hollywood se transformou num celeiro de grandes filmes que atraíam e encantavam multidões. As produtoras cinematográficas se esmeravam em temas de grande ternura e fantasias musicais capazes de transportar os espectadores a mundos encantados!

Nessa época também fomos brindados com a arte pura do incrível Walt Disney, toda ela voltada à beleza da criação e a eterna vitória do Bem. Foi ainda o momento das grandes e maravilhosas orquestras, cujas páginas musicais deixaram marcas profundas e muitas delas ainda hoje nos proporcionam enlevo espiritual. As músicas de Glenn Miller, Tomy Dorsey e outros cujos nomes já não lembramos, pontificavam naquelas tardes de domingo, executadas pelas orquestras brasileiras, que procuravam imitar, tanto quanto possível, as orquestras americanas. Era o fox, o swing, o bolero e o samba. Dançávamos todos num ambiente familiar de muita paz, respeito e alegria. Mas, perguntarão: "Que tem a ver todo esse saudosismo com o cigarro"? O saudosismo é apenas para exaltar um tempo maravilhoso em que, naqueles bailes, nos cinemas, excursões etc., não se via sequer uma moça fumando. Hoje, porém, é o inverso: quase todas as mulheres fumam, perdendo com isso uma boa parcela dos seus encantos femininos, pois seus cabelos, suas bocas, suas mãos e suas vestes... tudo exala os odores desagradáveis do fumo. Exagero?! Não, porque eu também conto com larga experiência colhida nos doze anos em que fui súdito de "sua majestade", o cigarro.

Após algumas tentativas frustradas para abandonar o vício, finalmente, no ano de 1960, consegui derrotá-lo, porque, no âmago do meu ser, sempre alimentei a esperança dessa vitória.

Eu comecei a fumar influenciado talvez pelos mesmos fatores que levam todos a essa escravidão: meu pai e meu irmão mais velho fumavam; minha mãe, embora nunca houvesse fumado, costumava dizer que achava bonito e elegante o homem fumar. Eram essas as primeiras tentações.

Sendo muito jovem ainda e sem discernimento para separar o útil do pernicioso, sugestionava-me ao ouvir as afirmativas de um velho português, amigo da família: era o "Seu" Nogueira, cujos dedos de fumante convicto e inveterado, à semelhança de seu próprio nome, já ostentavam a cor do estrato de nogueira, graças ao manuseio constante do tabaco. O "Seu" Nogueira, conversando calmamente, retirava do bolso a embalagem de papelão que continha fumo desfiado; depois retirava do outro bolso um macinho de folhas de papel e, destacando uma, depositava sobre ela a quantidade de fumo necessária à confecção de um cigarro. Agora, enrolava o fumo no pa-

pel e, usando a própria língua, procedia ao fechamento do cigarro, terminando assim o ritual. Acendia-o e, enquanto usufruía o prazer das primeiras baforadas, pontificava solene e convicto da importância do vício que com tanto carinho alimentava: "Pois é! Lá em Portugal, na aldeia onde eu nasci, o homem, para ser considerado HOMEM, precisa sustentar pelo menos um vício". Além disso, os meus jovens amigos que já fumavam, também me faziam as suas investidas: "Como é! você ainda não fuma? Quem não fuma não é HOMEM!"

Estas foram algumas das tentações da época que acabaram por me levar ao vício, até porque ainda não havia a televisão com suas envolventes propagandas.

Aliás, a tendência da maioria dos espíritos ao reencarnarem é esta: acordamos neste mundo e tudo o que é tradicional e a maioria faz, nós também passamos a fazer, seja certo ou errado.

Poucos têm a coragem de lutar desde cedo contra vícios e preconceitos da própria família ou da sociedade. Portanto, pensava eu, se a maioria fumava, por que deveria eu ser a exceção?

Eu fumava, mais ou menos, um maço de cigarros por dia, e hoje, que já se passaram 27 anos de vitória sobre o tabagismo, posso avaliar quão insensato, tolo e insalubre é o hábito de fumar. Agora sim, completamente desintoxicado da nicotina, o meu olfato restaurado se repugna com as emanações desagradáveis que se desprendem das baforadas dos fumantes. Tudo se torna impregnado pelos odores sufocantes e fétidos do tabaco: paredes, móveis, livros e o que mais esteja próximo dos fumantes. Eu mesmo pratiquei todas essas irreverências. Pelo espaço de 12 anos agredí a maravilhosa máquina física que o Criador me concedeu gratuitamente. Foram tempos em que os meus pulmões funcionaram como fornalhas e a boca e as narinas como autênticas chaminés! Na servidão ao meu "senhor cigarro", eu não conseguia sequer notar o meu desrespeito para com os locais e as pessoas com quem convivía, pois os odores do fumo, que hoje tanto me irritam e sufocam, eram-me agradabilíssimos ao olfato pervertido.

(No próximo Trevo terminaremos este trabalho)

CAMINHOS DO ESPÍRITO

Concluimos neste número a publicação do livreto "Caminhos do Espírito", de Edgard Armond, iniciada na edição do mês passado:

Por isso é que as crianças nos merecem todo o amor e conseguem comover os corações mais endurecidos. Por isso é que Jesus recomendou — "Deixai que venham a mim as crianças". — E, noutra ocasião, disse também: "se não puderdes ser como as crianças não entrareis no reino dos céus". Como se dissesse: enquanto não tiverdes a sinceridade, a candidez,

a simplicidade, a boa fé das crianças não estareis em condições de conhecer, sentir a Verdade porque isso será sinal de que vosso coração ainda está muito contaminado pelas maldades do mundo.

Mas, a infância passa e com ela esse estado de sonho acordado ou vida sonhada.

Surge a juventude, cheia de encanto e de movimento e o espírito, nesse período, entrega-se e é tomado completamente pela ilusão da forma, pelos enganos e encantamentos do mundo fenomenal.

Maya — a deusa da ilusão — o lindo símbolo criado pelos hindus, toma conta dele e o domina completamente.

Tudo o empolga pela sua beleza e pelo seu aspecto agradável; tudo é claro, luminoso e colorido. Só vê um lado das coisas: o lado bom, o lado bonito; o outro não existe para ele.

Só não gosta do silêncio e do escuro. Do silêncio porque sua vida nesse período é toda de expansão, de exteriorização, vida que arrebatada para fora e o silêncio obriga a pensar, meditar, coisas incompatíveis com o arrebatamento que o empolga. Quanto ao escuro porque o que o atrai é a luz, o movimento, a cor, a forma e, no escuro, tudo isso desaparece.

O espírito nesse período é impulsivo, cheio de boa vontade e seus sentimentos se expandem livremente sem convencionalismo.

Essa expansão é necessária porque coincide com a expansão da vida material que o corpo físico está realizando nesse período de crescimento que, como sabemos, vai até os vinte ou vinte e cinco anos.

Essa força de expansão representa também uma certa defesa contra o sofrimento que, nesse período, é muito menos sentido e isso para que não se perturbe o crescimento do corpo físico e se processe normalmente a armação do cenário para a representação do drama que vai começar.

E esse drama normalmente começa quando o espírito entra na mocidade, quando a paisagem começa a perder sua coloração impressionista, quando a reflexão começa a penetrar na mente iludida e o espírito começa a cair em si, sentindo já o sofrimento se aproximar; quando a luta pela vida se esboça e faz logo sentir o seu rigor não permitindo desculpa alguma, vacilação alguma, comodismo algum, devendo ser encarada de frente; quando o espírito precisa chamar em seu socorro todas as forças internas e externas que estão ao seu dispor, principalmente as externas, como a ambição, o desejo do bem estar, da riqueza, do poder e da glória — que são forças de estímulo para manter o equilíbrio entre a matéria e o espírito e enraizar a este na vida material para que dela não se furte.

Depois, quando tudo isso foi atingido bem ou mal, quando a casa foi levantada, bem ou mal, nesse trabalho de construção moroso e porfiado, que só a mocidade tem forças para realizar, o espírito aí se refugia para abrigar-se das intempéries e para repousar de seus labores mais árduos.

Nessa hora já ele não está gostando muito, como antes, das coisas materiais; já compreendeu que há muita

ilusão em tudo isso; já está nessa altura se voltando mais de preferência para os valores reais, para os sentimentos do coração. Já começou a olhar o mundo com uma certa superioridade moral, como que a dizer-lhe: você já não me domina tanto como antigamente; já te conheço um pouco.

Enfim volta-se para as coisas sérias.

É a idade madura, durante a qual tudo se concretiza, sedimenta e se revela a uma luz diferente.

Dá-se nesse período um balanço da vida e grandes transformações ocorrem no íntimo do Ser. Ele firma então suas convicções e faz seus planos para a derradeira etapa.

E essa não tarda. A desilusão vem vindo aos poucos, completamente.

Tudo perde o encanto e a graça. Os últimos ímpetos da força vital expiram, adormecem, no corpo físico. Todo o mundo exterior vai-se escurecendo, tornando-se nebuloso e inexpressivo. É a chama da vida que está se apagando no corpo gasto.

É a velhice, a decrepitude. -

Nesse período o espírito já vai se voltando lentamente para o Além, despreendendo-se das coisas materiais e Maya — a ilusão — de há muito se afastou de seus horizontes enevoados.

E lá está ele no seu canto agora, remoendo as suas coisas que ninguém mais entende, com suas veias entupidas, por onde o sangue quase não mais circula, quase cego, trôpego e inerte, enquanto à sua volta a vida, sempre renovada, explende e domina pelo movimento, pela luz, pelo som, pela cor.

A MORTE

Esta é a vida normal que o homem vive segundo as leis da natureza, e quando morre, segundo essas leis, ao fim de seus dias.

O homem evoluído sente a aproximação do transe e este se dá tranquilamente, sem sofrimento ou sobresalto porque, mesmo nos casos de moléstias cruéis e penosas, nos momentos que antecedem ao transpasse, é o corpo invadido por uma anestesia natural por um entorpecimento geral gradativo que lhe tira completamente a sensibilidade física.

Os laços que unem o perispírito à matéria, muito antes do transe final já estavam sendo separados, de maneira que a sensibilidade corpórea já estava muito reduzida.

E, ao tempo que isso acontece em relação ao mundo físico, cresce e se amplia essa sensibilidade em relação ao mundo hiperfísico: muito antes do transe já o espírito está penetrando no mundo astral invisível.

Quando vemos o corpo físico no estado chamado de coma, sem conhecimento e já se enregelando, o espírito já, há muito, está com sua consciência despertando no outro mundo do qual, às vezes, volta no último momento para despedir-se de entes queridos, dar instruções derradeiras a respeito de assuntos domésticos, ver e falar pela última vez com pessoas que estão para chegar, etc.

Mas, rompidos afinal os laços físicos e transcorrido um tempo correspondente a mais ou menos 4 ou 5 dias terrenos o espírito se desprende e despara completamente no mundo etéreo.

onde é recebido por amigos desta e de outras encarnações, em seguida ao que é conduzido por seus guias ao local onde deve ser mergulhado em sono de readaptação mais ou menos longo, mais ou menos curto, segundo o seu próprio desenvolvimento espiritual.

Para o espírito atrasado, todavia, a morte é quase sempre um episódio dramático e aterrador porque nele prevalecem as paixões materiais e são negligenciados os problemas de aspecto espiritual que dão luz ao entendimento e fortaleza à alma.

Esses, infelizmente, têm a alma em andrajos, enquanto que o corpo trazem-no muitas vezes coberto de brocados e veludos. Seguem seu caminho insensatamente como imperadores de um domínio ilusório.

Durante esse sono a alma vai se despidendo por assim dizer de todas as imperfeições de que conseguiu libertar-se na última prova; vai-se despidendo como se fosse de mantos, de todos os erros que conseguiu corrigir e a cada manto que cai, torna-se mais clara, mais luminosa, porque sua luz está dentro de si mesma e não fora; cada manto que cai põe a centelha divina, que é o espírito, um pouquinho mais visível e por isso a alma vai ficando mais luminosa.

Esse é o sono, vamos dizer, do **desnudamento espiritual** porque quando dele acordar a alma se encontrará com a luminosidade que lhe for própria, segundo o grau de purificação que até aquele momento conseguiu alcançar.

Esse sono é um balanço que a alma se dá, um profundo exame de consciência e um inexorável acerto de contas, porque com a luz que dali sair, com essa é que viverá no mundo dos espíritos, caminhará por suas estradas e habitará a esfera que lhe for correspondente.

Quanto mais elevado o espírito, mais resplendente é essa luz, a ponto tal que às vezes não pode ser encarado, porque deslumbra.

Esses espíritos de muita luz, quando querem se fazer visíveis para outros mais atrasados são obrigados a cobrir-se de matéria mais densa, de fluidos mais pesados, promovendo às vezes verdadeiras materializações para poderem ser notados, mesmo aos habitantes do mundo etéreo.

Nesse período chamado **primeiro sono da alma**, o espírito fica em repouso e de forma alguma é perturbado.

Quando os espíritos sofredores são trazidos pelos guias para serem doutrinados nas sessões espíritas, eles não entraram ainda nesse sono que precede o despertar definitivo: acorrentados e perturbados pelos seus erros ou por efeito de mortes súbitas e violentas, não estão ainda completamente desencarnados, pois existem ainda fortes ligações de seus perispíritos com o mundo da carne.

A doutrinação nesses casos vem esclarecê-los sobre seu verdadeiro estado e quebrar essas últimas ligações astrais que impedem o despertar integral e o adormecimento reparador.

Até que por fim, despertando a seu tempo desse sono repousante a alma inicia, sob bons ou maus auspícios, sua vida no mundo etéreo, nesse mun-

do maravilhoso de belezas e de possibilidades, nossa verdadeira pátria, da qual temporariamente nos afastamos para corrigir defeitos ou adquirir méritos.

O MUNDO ETÉREO

Mas como é esse mundo etéreo? Onde fica? Como é a vida ali?

Três perguntas que não podem ser respondidas com meia dúzia de palavras, tal sua extensão.

O que se sabe com certeza é que esse mundo é semelhante ao mundo físico. Semelhante porque ali vemos os mesmos homens, as mesmas mulheres, as mesmas crianças e os mesmos velhos; os feios e os bonitos, os altos e os baixos.

E as aglomerações urbanas, formando vilas e cidades, edifícios, ruas, avenidas e jardins; as mesmas paisagens coloridas, árvores, folhas e frutos. E na alma dos homens e das mulheres os mesmos vícios e as mesmas virtudes, os mesmos erros e os mesmos acertos.

Mas, perguntarão: não há, então, nada de sobrenatural no outro mundo?

E a resposta é esta; não há.

Lá como aqui a vida é sempre a mesma, salvo, é claro, as diferenças decorrentes da mudança de ambiente e do veículo de manifestação individual; aqui o corpo de carne, lá o perispírito.

E nem podia ser de outra forma porque as leis da vida e da manifestação do Ser são idênticas para todos os mundos e uniformes em todo o universo — porque tudo é um, e tudo está contido no Todo.

A sabedoria antiga já dizia isso mesmo.

Lembrem-se do Signo de Salomão — desenhado pela Kabala: — dois triângulos cruzados com as pontas em oposição para baixo e para cima, a confirmar, pela forma geométrica, o axioma hermético do antigo Egito: "o que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está em baixo".

Repito: nem poderia ser de outra maneira porque lá como aqui, quem construiu e constrói a vida do mundo é o homem e o homem de lá como o daqui são semelhantes.

Trata-se de um homem ativo que está sempre trabalhando, que de vez em quando muda de casa e de aspecto, ora aparece nesta, ora naquela mas, que não muda de instintos nem de pensamentos nem de propósitos assim de repente.

Trata-se de um viajante que vem de longe e que conforme a região que atravessa muda de roupa e de equipamento. Se está nas regiões polares cobre-se de peles até os olhos, e mete-se em iglus cavados no gelo; se no equador, usa roupas leves e vive debaixo de árvores de sombra; se viaja nos ares, transporta-se em aparelhos de voo, se no fundo dos mares, em submarinos. Mas é sempre o mesmo viajante com seus erros, vícios, virtudes.

Outra coisa que nós sabemos é que os mundos se sobrepõem, se interpenetram existindo, vamos dizer, como se fossem uns dentro de outros; no mesmo espaço, se espaço existisse ha-

veria uma série de mundos coexistindo.

O que permite isso é a diferença de suas respectivas vibrações. Cada mundo tem a sua. Formados todos da mesma matéria-prima primordial (substância cósmica universal) ganharam, todavia, densidades diferentes, aspecto diferente, vibração diferente.

Há muitas esferas de manifestação para o espírito vivente.

Em relação ao nosso planeta há sete esferas de manifestação e os espíritos, após o seu desencarne, habitarão dessas esferas a que lhes for correspondente, segundo seu adiantamento.

Dessas esferas quatro correspondem às regiões inferiores e três às regiões superiores do céu (espaço).

Muitos desses espíritos supostamente adiantados, que costumamos chamar de guias, mensageiros, protetores, habitam ainda as esferas inferiores, se bem que estejam às vezes muito acima de nós outros, posto que as regiões superiores somente são atingidas por espíritos de mente evoluída e poderes espirituais elevados.

O espírito, sem deixar de ser o que é, mas sempre evoluindo, manifesta-se nessas diferentes esferas, usando para cada uma o veículo de manifestação que lhe for próprio.

Cada erro que corrige em seu campo moral, cada conquista que obtém em seu corpo espiritual, são outros tantos envoltórios pesados que alija de seus ombros, passando a viver de cada vez em um mundo de vibração mais elevada até chegar tão perto de Deus que poderá, quem sabe, contemplar a verdade face a face.

Mas seja qual for o mundo em que viva, sua vida *ai* será sempre objetiva, real, concreta, vida de ação e de trabalho, de lutas e de sofrimento, enquanto estiver preso à roda purificadora das reencarnações.

No mundo etéreo tem o homem suas habitações como aqui, sua vida social, suas distrações, seus estudos, suas decepções; porém possibilidades muito maiores de realizar suas aspirações e seus desejos porque lá o pensamento tem uma força decisiva bastando dizer que é por meio dele que o espírito se locomove, transmite suas idéias, erige suas construções, levanta suas cidades, realiza suas obras de arte e de ciência, com ele enfim, transforma em atos suas vontades.

Ali a matéria, sendo de vibração muito mais alta, é mais plástica, não oferece a resistência que aqui conhecemos.

Nesse mundo astral tudo é fácil, suave, agradável, luminoso e as cores têm uma vitalidade muito mais forte e um mais forte encantamento exercem sobre os órgãos da visão.

E como os sentimentos e os pensamentos, todos se refletem na aura individual, dando-lhe cores determinadas, todos levam refletidos em si mesmos, em forma luminosa e colorida, suas qualidades morais, seus erros, seus vícios, suas maldades, como suas virtudes.

Sua luz revela seu caráter e sua hierarquia.

Cada espírito que passa é uma luz que passa, mais ou menos clara, mais ou menos colorida.

A luz dos espíritos elevados é tão forte e resplandece tanto que, quando se aproximam, os espíritos inferiores baixam a frente e tapam os olhos, porque ficam deslumbrados.

Os agrupamentos de espíritos elevados resplandecem como grandes clareiras ou incêndios, ao passo que os de espíritos inferiores são manchas escuras, nuvens de cores pardas ou negras. Nas grandes assembléias, quando os espíritos de determinado plano são reunidos para ouvir a palavra dos instrutores, a tonalidade viva e o colorido intenso da paisagem delicada se combinam com os reflexos luminosos de cada espírito presente formando então um conjunto multicolor de beleza surpreendente.

Nessas assembléias os grandes espíritos às vezes se manifestam e o próprio Cristo vem, na forma de um esplendor maravilhoso, ou de uma grande cruz deitada sobre o horizonte incendiado, mas sempre precedida a aparição de fluidos tão fortes, de vibração maravilhosa que o espaço em toda a extensão fica intensamente vitalizado e uma suavíssima emoção, um sentimento de profundo recolhimento, penetra o coração de todos, enchendo-lhes as almas de novas esperanças e de novos e poderosos aentos.

Se em nossas sessões habituais em que geralmente lidamos com sofredores e espíritos medíocres, nos sentimos muitas vezes saturados de fluidos pela simples aproximação de uma entidade um pouco acima de nós, imaginemos o que não serão as ondas de fluidos derramadas nos espaços laterais pelos grandes espíritos diretores de mundos!

Mas para que tentar descrever a vida que todos já vivemos e que teremos de rever dentro de muito pouco tempo?

Esforcemo-nos, isso sim, para sermos dignos dela e para lá podermos permanecer mais tempo, sem necessidade de retornarmos a este mundo pesado e sombrio.

Encaremos os nossos defeitos frente a frente, a fim de combatê-los como um soldado consciente de sua força e coloquemos o nosso coração à nossa frente como uma lâmpada, para que a luz do Senhor ilumine os caminhos da nossa rota, que até aqui tem sido muito penosa, mas que, de hoje para diante, porque buscamos a Verdade e tentamos viver a nossa vida de acordo com os preceitos do seu Evangelho, nos será muito mais suave e o nosso caminho muito mais largo e muito mais agradável.

Somos muito maiores do que pensamos ser, realmente muito maiores.

Limitadíssima a nossa mente quando expressa pelo cérebro físico isto é verdade, mas, muito grande e muito ampla quando se manifesta no mundo etéreo, porque ali está ela completa, visto que se integrou com a mente subliminal.

Neste plano físico funciona a mente menor, somente esta, mas no plano do espírito age a **mente maior**, a nossa, a que vem conosco do fundo das idades, desde o princípio da evolução.

Ao irmos para o Além levamos conosco as lembranças terrenas, mas

estas vão se apagando, lentamente, enquanto que nós vamos passando a ser dirigidos, governados pela mente maior, "a mente total, a que nos tem feito o que somos, mesmos sem o sabermos".

Um humilde pensador religioso estando nas imediações do Monte Branco, frente àquela grandiosidade exclamou:

— "Tudo isto dá uma impressão de durabilidade, de solidez, de grande calma. De tais alturas quão grande parece o mundo e quão pequeno o homem!

Esta mole gigantesca durará tanto, que parecerá eterna".

Mas uma voz, vinda não se sabe de onde, lhe respondeu de pronto:

— "Homem, não te enganes."

A pobre mulher acabrunhada de cuidados, mas que espera, ama e trabalha; o pensador e o crente que marcha pela noite guardando a sua confiança na luz; o pobre que alivia o pobre; o aflito que consola o aflito; o ofendido que perdoa; os mártires que morrem pela ciência, pela fé, pela justiça, pela Pátria; esses todos são mais altos que estes cumes, porque neles habita uma beleza mais pura que o azul dos céus e a brancura das neves; uma força que já existia antes que estes cumes e uma grandeza que se manifestou muito antes que estas montanhas nascessem, força e beleza que são do espírito e que sobreviverão mesmo depois que estas moles gigantes sejam com o correr dos séculos reduzidas a pó" (*).

Tenhamos sempre presente que não há perdição nem salvação, mas sim e sempre evolução, progressiva e inexorável na qual nosso livre arbítrio, isto é, nossa vontade, é um elemento preponderante.

Quem andar mais depressa chegará primeiro e quem andar mais devagar chegará mais tarde, mas todos chegarão, porque o espírito criado é imortal; não pode ser destruído, como também não pode ficar imóvel, fora do movimento da eternidade.

Não façamos como a mulher de Loth que olhou para trás e foi transformada em pedra de sal.

Nosso objetivo é ir sempre para diante e unicamente o que está na frente é o que nos interessa. O passado é tenebroso e não nos devemos preocupar com ele. Não interessa o que já se foi, quando sabemos que fomos o pior possível, mas interessa o que poderemos ser, o que havemos de ser e já estamos começando a ser: espíritos conscientes de sua natureza divina, tendo pela frente uma rota maravilhosa de possibilidades e belezas espirituais para viver e para gozar; e órgãos de sentimento e de compreensão que podem desde já ser levados a alturas extraordinárias até abranger a todo o gênero humano pelas leis do amor e da unidade.

Não façamos como a mulher de Loth.

Para trás de nós veremos trevas mas para a frente, no fundo do horizonte incendiado, marcado por uma cruz redentora, a casa de Deus resplandece em toda sua luz e em toda sua glória.

(*) Wagner.



Página dos Aprendizes

SERVIR

**Roque Maximiano da Silva
G. Fraternidade Cristã**

- Fazer o bem sem escolher a quem; quer dizer que não devemos escolher nem impor condições para servir.

Devemos procurar atingir o estágio de ajudar por obrigação nossa de devedores que somos da Justiça Divina e não como normalmente pensamos que algo que fazemos é porque somos bonzinhos.

Servir com desprendimento sem almejar retribuição deve ser ato contínuo nosso em qualquer lugar. Devemos estar prontos para qualquer eventualidade, através da nossa vigilância sempre acreditando na ajuda espiritual para nós e para os que nos cercam, deixar fluir um bom pensamento, termos equilíbrio para sempre doar.

Ao agirmos discretamente, além de não visarmos lucros estamos exemplificando que a mão esquerda não veja o que faz a direita, isto é, aquele que espera ser contemplado por muita gente e receber elogios, além de praticar uma falsa caridade já está recebendo o pagamento do mundo não merecendo sequer o respeito dos planos mais elevados.

VERDADE

**Ubirajara de Oliveira Ramos
CE Geraldo Ferreira**

A verdade liberta e estimula para a redenção.

Sempre é tempo de nos afastarmos de nossas imperfeições e defeitos, bastando termos força de vontade.

Nosso Pai, mesmo sabendo que somos pecadores, habita em nosso corpo, esperando de nós a libertação e o estímulo para a nossa redenção.

COMENTÁRIOS

**Valdemar Gomes Batista
CE Geraldo Ferreira**

Temos ouvido, nas nossas aulas, no Curso de Aprendizes do Evangelho, constantemente, referências à maldicência, um grave defeito que temos e que muito nos custará eliminar, no objetivo traçado de fazermos a nossa reforma íntima.

É muito comum acharmos defeitos nas pessoas, no nosso dia a dia, e mais comum ainda, vivermos destacando, em conversas com terceiros, esses defeitos. Esse comportamento, no momento da empolgação em que comentamos os defeitos alheios, nos traz satisfações, das quais, posteriormente, quando avaliamos mais calmamente a nossa ação, nos arrependemos.

Devemos limitar-nos a ver e ouvir, não julgar, e permanecermos calados, pois comentar o mal é propiciar condições para a sua propagação, porquanto o mal só traz o mal.

SOFRIMENTO

**Geraldo
CEAE, Petrópolis**

O auto-flagelo é a provocação do sofrimento físico e só os fanáticos e pouco esclarecidos o usam no intuito de alcançar benesses divinas. Tais atos, praticados geralmente por pessoas com pouca capacidade de raciocínio, as levam, pelo sofrimento, a aproximar-se de Deus.

Melhor seria que, ao invés do flagelo, buscassem a comunhão com Deus, fortalecendo seu corpo para melhor ajudar o seu próximo.

Da mesma forma é dado ao espírito o direito de escolher o caminho de sua evolução. Seja através da longa estrada do sofrimento ou do curto atalho de sua reforma íntima e da dedicação e do amor ao seu irmão.

ARREPENDIMENTO

**Ana Magda Piva
G. Fraternidade Cristã**

Em geral, todos nós temos uma idéia formada a respeito do arrependimento, de acordo com o referencial de vida de cada um.

Erros são muito mais facilmente encontrados no vizinho, do que em nós mesmos. Não são raras as vezes em que nas situações as mais adversas, não mudamos nossa opinião ou nosso comportamento, mesmo que conscientes de estarmos errando.

O arrependimento só é por nós percebido, como mudança íntima, a partir do instante em que gera uma sensação de tristeza ou sentimento de culpa. Desta forma o arrependimento não é tão só o primeiro passo para o pagamento de nossas dívidas, mas sim a própria expressão de nossos resgates.

DORES

**Lenise Catarina Merlino
CE Razin**

Poucas pessoas são felizes neste mundo. Nenhuma é completamente feliz. Todos já passamos ou passaremos por momentos de muita tristeza, dores que sangram o corpo.

Ainda, graças a Deus, não tive grandes tristezas assim.

Quando o corpo padece e a pessoa suporta com resignação, sem se revoltar ou perder a fé, será uma luz que se iluminará em seu espírito.

Preparo-me para quando meu dia de grande dor chegar, esperando que eu possa aceitar brandamente e que em meu espírito acendam luzes. Sei que essa atitude não será fácil e hoje preparo-me exercitando a paciência, a fé, o amor a Deus.

JORNADA DE MEDIUNIDADE

A Jornada de Mediunidade e Reforma Íntima, realizada em São Paulo no dia 4/7, reuniu companheiros de grupos integrados da Capital, Piracicaba e Londrina, tendo apresentado resultados altamente positivos.

Um dos aspectos que ficou bastante claro para todos os participantes é o de que mediunidade é um processo em permanente crescimento. Logo, o aprendizado não termina com a conclusão do Curso para Médiuns; pelo contrário, prossegue nos diversos trabalhos oferecidos ao médium pelo centro espírita. Para que esse processo seja proveitoso é preciso que o médium, pelo menos, esforce-se por superar em si mesmo o defeito do melindre.

Alguns dos grupos presentes relataram experiências que vêm desenvolvendo com vistas ao aprimoramento do trabalho mediúnico. Todas essas experiências colocam em primeiro plano o esforço de reforma íntima — exercitado em nível pessoal e também em reuniões de grupo. Há alguns centros que, terminado o trabalho de assistência espiritual do dia, promovem uma pequena reunião de todo o grupo de trabalhadores para um momento de reflexão. Outros promovem essa mesma reunião (onde incluem um segmento de estudo sistemático de um livro doutrinário) em outro dia ou pelo menos meia hora antes do início do trabalho de assistência.

O trabalhador precisa sentir-se apoiado. Referido apoio é sentido nessas reuniões de grupo, informais, onde cada um pode expor suas ansiedades e dificuldades sem sentir-se ameaçado pela "doutrinação" de nenhum companheiro.

Outras experiências relatadas dizem respeito à avaliação periódica de todos os trabalhadores, através de exames espirituais e do próprio exercício de auto-avaliação. Nesse processo de avaliação incluem-se também os dirigentes da casa e dos diversos trabalhos

do centro. No caso de o trabalhador sentir-se necessitado, é encaminhado para receber assistência espiritual. As faltas ao trabalho também foram abordadas; 4 faltas, seguidas ou não, entre uma reciclagem e outra, afastam o trabalhador do trabalho, encaminhando-o para os benefícios da assistência espiritual. Ele retorna após o tratamento.

Os chamados "grupos de orientação mediúnica" (ou "colégio de médiuns") também foram debatidos. Sugeriu-se a idéia (a partir de experiência narrada por um dos grupos presentes) que desses grupos participe um representante de cada trabalho desenvolvido pelo centro espírita. Este procedimento facilita a circulação das orientações espirituais e a livre troca de idéias entre os dirigentes encarnados e desencarnados.

TEMPOS DE VIOLÊNCIA

Valentim Lorenzetti

Há algo ruim no ar ou há algo ruim dentro das pessoas? A poluição atmosférica remexe com a poluição psíquica? A temperatura ambiente libera o fogo que queima as criaturas por dentro? A crise econômica coloca as pessoas em crise espiritual ou a crise moral repercute na economia?

Há, sim, algo desconfortável no clima espiritual em que vivemos. As pessoas de alguma sensibilidade precisam de um esforço muito maior para manterem-se razoavelmente equilibradas: há um dispêndio maior de energia para não caírem na vala comum da violência e da insensatez. O clima vibratório do país (e provavelmente de outros países também) está pesado, opressivo.

Ninguém espere por uma grande explosão social. As explosões, aos milhares, estão acontecendo todos os dias — nas ruas, nas casas, nos escritórios, nos locais de lazer. Explosões que lançam estilhaços (provocando homicídios e outros tipos de agressão); implosões que afloram à superfície na forma de omissões e diferenças.

Nas ruas e nas estradas sente-se que as pessoas estão carregadas de tensão. É perigoso olhar com surpresa para o motorista que "corta" a tua frente na rua; ele pode descer do carro e te agredir ou, até ferir você com qualquer tipo de arma.

Aumentam as formas de violência, invertem-se ou subvertem-se valores: feio é ter propriedade, bonito é invadir propriedade; feio é produzir com lucro para aumentar as oportunidades de emprego, bonito é parar ou encarecer a produção para aumentar o desemprego; feio é amar o próximo, bonito é ser esperto para tirar proveito do descuido do irmão.

Reclamam-se atitudes do governo, da sociedade, do povo. Reclamar virou atitude, dá lobo, projeta nomes, abre espaços nos meios de comunicação e nos palanques. Parece que todo mundo só quer apontar os problemas, ninguém quer ser parte da solução. Pelo menos é o que parece, pois reclamação é barulhenta, solução é silenciosa e só vai aparecer muito depois.

Não é bom o clima espiritual em que vivemos atualmente. Esta é uma constatação. Quem tem sensibilidade, sente; quem tem olhos, vê; quem tem ouvidos, ouve.

E quem tem algum conhecimento cristão não pode ficar neutro. Também não pode contribuir para piorar o clima, só enfiando o dedo na ferida para ampliar a dor que pode levar a uma revolta maior. O cristão age no bem, não é omissivo, é participante. Participa com seu trabalho pessoal, com exemplificação dentro da Lei do Amor. Não espera pelo outro, faz a sua parte.

É hora de fazer um balanço em nosso dia-a-dia e verificar como podemos reformular nossos gestos, atitudes e pensamentos. E analisar até que ponto temos engrossado as nuvens da revolta com os fiapos de nossos defeitos. Se pudermos pelo menos tirar um fiapo escuro da nuvem ameaçadora, já estamos começando a fazer parte da solução e do processo de abertura do horizonte espiritual.

DIRIGENTES DO LITORAL SUL

Nos dias 13 e 14 de junho os grupos integrados do Litoral Sul realizaram, no CE Irmão Timóteo, de São Vicente, o 1.º Curso Regional para Dirigentes de Escola de Aprendizes do Evangelho. Foram aprovados os seguintes companheiros: Pedro Rodrigues, do CE Allan Kardec, de Praia Grande; Lucimar Saraiva Simões, do CEAE, de Santos; Honório Lara Lima, Grupo Socorrista Emmanuel, de Peruíbe; Maria Lucy Freire de Figueiredo, do CE Estrada de Damasco, São Vicente; Arlete de Souza Francisco, Georgina Gonçalves Corrêa e Marília de Oliveira Carvalho, do CE Irmão Timóteo.

ENCONTRO DE ARTE

Será no dia 6 de setembro, das 9 às 17 horas, em Santo André, no Teatro Conchita de Moraes, o II Encontro de Arte Espírita, coordenado pelas Mocidades Espíritas da Aliança.

O Encontro é aberto para companheiros de todas as faixas etárias. Nele serão apresentadas manifestações artísticas que procuram estimular o ser humano para a espiritualização. Estão previstas apresentações teatrais, de poesia, música, pintura etc.

O TREVO

N.º 162 — AGOSTO/87

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168

Fone: (011) 37-5304

São Paulo

Diretor-geral da Aliança
Espírita Evangélica:

JACQUES A. CONCHON

Jornalista Responsável:
VALENTIM LORENZETTI